

ANNE FRANK E A SIMBOLOGIA DA MORTE

André de Oliveira Pereira¹, Gabriel de Senna Henriques¹, Wanderson Monfardini Delai¹, Raphael do Amaral Vaz²

¹ Acadêmico em Psicologia pela faculdade Multivix-Vitória.

² Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP; Orientador de Iniciação científica e Professor pela faculdade Multivix/ES.

RESUMO

A morte é um dos temas mais debatidos na literatura. O objetivo deste estudo é compreender a história de Annelies Marie Frank, vítima do holocausto nazista durante a II Guerra Mundial, e suas experiências sensoriais diante da morte, como a dor e o sofrimento presentes na sua estrutura arquetípica. O estudo se constitui em análise documental, sendo que o documento em questão é o diário da adolescente. Os registros são analisados pela técnica do emparelhamento, sendo contrapostos com teorias oferecidas por autores da psicologia analítica (KOVÁCS, 1992; JAFFE; ROHN; VON FRANZ, 1995; JUNG, 2013) que discutem as sensações da morte e do morrer. Os resultados mostram que antes de ser concretizada como um processo de natureza biológica, a morte é uma representação imagética de um ser finito. Frente a tal fenômeno, o medo tem a função de organizar e ajudar a estruturar os objetivos que o ser humano almeja para si, emergindo como modelo de segurança vital de nossas construções psicossociais.

Palavras-chave: morte; individualização; Anne Frank; medo.

ABSTRACT

Death is one of the most debated themes in literature. The aim of this study is to understand the story of Annelies Marie Frank, a victim of the Nazi holocaust during World War II, and her sensory experiences in the face of death, such as the pain and suffering present in her archetypal structure. The study is a documental analysis, and the document in question is the diary of the teenager. The records are analyzed by the pairing technique, being contrasted with theories offered by authors of analytical psychology (KOVÁCS, 1992; JAFFE; ROHN; VON FRANZ, 1995; JUNG, 2013) who discuss the sensations of death and dying. The results show that, before being concretized as a process of biological nature, death is an imagetic representation of a finite being. Facing this phenomenon, fear has the function of organizing and helping to structure the goals that human beings aim for themselves, emerging as a vital security model of our psychosocial constructions.

Keywords: Death; individualization; Anne Frank; fear.

1. INTRODUÇÃO

Em tempos passados, as religiões totêmicas e os primeiros povos civilizatórios tiveram interesse em desvendar o sentido que a morte tinha para o ser humano. Trata-se de um dos temas mais discutidos na literatura mundial nas últimas décadas. Por exemplo, Philippe Ariès (1977) estudou atitudes frente à morte no que concerne ao destino nas esferas individual e coletiva do ser humano. Posteriormente, Jaffé, Rohn e von Franz (1995) analisaram textos sobre a morte à luz da psicologia, referenciando-se nos estudos de Carl Gustav

Jung, e no paradoxo entre a alma e morte. Jung (2013) e Kovács (1992), uma de suas intérpretes, ganham espaço ao abordar a finitude e os arquétipos sobre a morte no desenvolvimento humano.

Dada a vasta literatura a respeito do tema, falar sobre a morte não requer muito esforço. Todavia, a função da morte e as sensações que ela faz emergir foram assuntos que ganharam força depois das famosas primeiras guerras contemporâneas. Livros como “A busca pelo sentido”, de Victor Frankl (2015), e “É isto um homem?”, de Primo Levi (2013), dedicam-se a relatar e questionar a tragédia da II Guerra Mundial. Neles, seus autores discutem a morte a partir da experiência pessoal vivenciada no campo de concentração.

Como sabemos que vamos morrer? Quais sensações sentimos? Essas e outras questões norteiam este trabalho, que discute o fenômeno da morte a partir da experiência de Annelies Marie Frank. Vítima do Holocausto promovido pelo nazismo de Hitler, em seu diário, a adolescente, mundialmente conhecida como Anne Frank, demonstra o quão perturbada foi sua trajetória desde sua infância até a adolescência. Revela-se, nesses registros, como um ser humano que foi limitado pelo contexto histórico da Europa da primeira metade do século XX. Assim se expressa a adolescente judia sobre a realidade que então vivia:

É muito mais duro para nós, jovens, manter a firmeza e as opiniões em tempos como estes em que os ideais são destruídos e despedaçados, as pessoas põem à mostra seu lado pior e ninguém sabe mais se deve crer na verdade, no direito e em Deus (FRANK, 1995, p. 180).

Essa narrativa engloba os complexos, imagens, ideias e temas que existiam em sua psique: um imaginário desestimulador da vida, pois a adolescente sabia que, cedo ou tarde, a morte seria o tema a ser tratado. Para Ariès (2014, p. 151), “as imagens da morte traduzem as atitudes dos homens diante da morte numa linguagem nem simples, nem direta, mas cheia de artimanhas e circunlóquios”. No caso da Anne, as imagens são partes da formação da realidade interna de uma vida que sofre externamente com a guerra, causando um senso de finitude, dor e angústia.

Nos depoimentos registrados em seu “Diário de Anne Frank” serão analisadas as categorias arquetípicas e inconscientes presentes nas sensações experimentadas em situações de proximidade com a morte. Como essas sensações a afetaram? Tais sensações são estimuladas por sua vivência: “[...] interfere[m] na vida consciente, leva[m]-nos a cometer lapsos e gafes, perturba[m] a memória, envolve[m]-nos em situações contraditórias, arquiteta[m] sonhos e sintomas neuróticos” (SILVEIRA, 1981, p. 30).

Sabendo, portanto, que no ser humano a morte e suas sensações são vividas por toda a existência, faz-se relevante analisar como esse processo se desenvolve, nesse caso, a partir do diário de Anne Frank. Seus escritos permitem ao leitor identificar argumentos que sublinham a limitação de um ser humano ao lidar com sensações de saber que a morte pode ser iminente. Compreender tais limitações é uma maneira de aprimorar nossas formas de vida frente a episódios trágicos e que acionam o instinto de sobrevivência.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A reflexão sobre a morte recebeu contribuições significativas de Carl Gustav Jung, cujas ideias são destacadas aqui não apenas a partir de suas próprias obras, como também de intérpretes importantes, tais como Jaffe, Rohn e von Franz (1980) e Kovács (1992).

Em “A morte à luz da psicologia”, Jaffe, Rohn e von Franz (1980) apresentam os pontos de vista de Jung sobre a morte e a vida e processos da psique, destacando que o ser humano sofre quando está entre uma e outra. Atentos a outros conceitos da psicologia junguiana, tais como mito, símbolo, morte e sensações, a discussão das autoras promove uma reflexão relevante para entendermos as mudanças ocorridas na vida de Anne Frank diante de seus medos e aflições. Segundo as autoras, Jung problematiza a morte pela importância que ela tem em nossa consciência e em nossos desejos e sentimentos sobre a vida, dando sentido ou não à trajetória humana.

O próprio Jung (2013, p. 61) deparou-se com seus pensamentos sobre o que é a morte e sobre o nosso preparo para vivenciá-la. O pensador sublinha que “em confronto com a morte, a vida nos parece sempre como um fluir constante,

como a marcha de um relógio a que se deu corda e cuja parada afinal é automaticamente esperada”. Deparar-se com a finitude do tempo e da consciência constitui-se no problema de encarar a morte enquanto se vive. Contudo, o interesse na morte está também ligado ao interesse que todos têm pela vida.

Outro aspecto importante na psicologia de Jung é que a morte pode ser considerada um “desapego”, um certo afastamento das relações que mantemos em sociedade. Esse afastamento promove a sensação denominada “não-eu desconhecido e sombrio” (JAFFE; ROHN; VON FRANZ, 1995, p. 13), vivenciada e registrada por Anne Frank, cujo diário se constitui em importante meio para análises sobre o sofrimento experimentado pela adolescente.

Jaffe, Frey e von Franz (1980) explicam que o processo de individuação, conceito elaborado por Jung, é uma etapa que dura toda a existência, marcada por surpresas. Com a individuação, os indivíduos amadurecem, o que também contribui para se prepararem para a morte. Jung (2013, p. 362) entende que a vida é “um processo energético, como qualquer outro, mas, em princípio todo processo energético é irreversível e, por isto, é orientado univocamente para um objetivo”, por ele denominado como estado de repouso.

Para Jung (2013), a vida é teleológica e nela o indivíduo vivencia inseguranças diante do fato de que a morte, por certo, há de vir. Os mais velhos ou os doentes graves deparam-se com o medo de morrer com mais frequência. Para outros, a vida traz oportunidades para o encontro com as sensações de proximidade com a morte, por exemplo, ao ser assaltado, sofrer um acidente, estar em um local afetado por fenômenos naturais trágicos. De qualquer modo, quando evitamos pensar no fato de que vamos morrer, vivemos na ilusão da imortalidade.

O paradoxo existente, portanto, está, conforme a psicologia junguiana, no fato de que enquanto as leis da natureza projetam um tempo para completarem seu ciclo, nossa atividade inconsciente faz com que a reflexão sobre tal processo seja retardada. Nesse sentido, Jung (2013, p. 363) propõe o conceito de “curva psicológica da vida”, a qual traduz uma “[...] discordância [que] às vezes

começa já antes, na subida. Biologicamente, o projétil sobe, mas psicologicamente retarda. Ficamos parados, por trás de nossos anos, agarrados à nossa infância, como se não pudéssemos nos arrancar do chão”.

Ao contrário das leis naturais, a curva psicológica aponta-nos para a condição teleológica da vida. Nessa dinâmica, somos levados a pensar em nossas crises neuróticas constantemente, a lembrar dos empecilhos que tivemos em nossa trajetória desde a infância, sem entender a ambivalência que marca nossa existência. A metáfora do projétil pode ser vista como o desafio de se entender a vida e nossas ansiedades, que se modificam ao longo da vida (JUNG, 2013).

Para Jung (2013, p. 371), a aproximação de nossas neuroses infantis requer dar significado ao que não aceitamos, no caso, a morte, e, por outro lado, acreditar que “a alma encerra tantos mistérios quanto o mundo, com seus sistemas de galáxias diante de cujas majestosas configurações só um espírito desprovido de imaginação é capaz de negar suas próprias insuficiências”.

Dedicando-se ao estudo da morte com jovens e adolescentes, Kovács (1992, p. 48) mostra que o desejo de pensar sobre tal fenômeno surge ainda na infância e argumenta que, em uma leitura simbólica, “não há uma só morte, mas várias, durante todo o processo evolutivo”. Tendo as fases mencionadas como referência, a autora descreve as sensações psíquicas vividas sobre a morte em adolescentes e permite-nos maior aproximação com as experiências de Anne Frank.

Há uma resposta psicológica suscitada pela morte que traduz o medo de um evento presente no desenvolvimento da espécie humana. Diante dele, as respostas dadas integram um sistema adaptativo que são norteadas, também, por crenças culturais que perpassam os indivíduos. Como um sistema adaptativo, “o medo da morte tem um lado vital, que nos protege, permite que continuemos nossas obras, nos salva de riscos destrutivo e autodestrutivo” (KOVÁCS, 1992, p. 27).

Sabendo que pode morrer, o ser humano estabelece defesas frente a essa certeza, acionando o instinto biológico. Por outro lado, no conjunto de nossas crenças e percepções sociais sobre a vida, há o dispositivo filosófico que nos

impulsiona a refletir sobre a finitude quando encaramos situações em que somos colocados frente ao fato de que vamos morrer.

A condição do ser humano é, paradoxalmente, simples e complexa. Nesse sentido, Kovács (1992, p. 25) entende que “o homem está bipartido: ao mesmo tempo que sabe de sua originalidade e poder de criação, reconhece sua finitude de forma racional e consciente”. Ao saber, o ser humano tenta contornar a situação, criando mecanismos para, de forma ilusória, lidar com o medo da morte que pode conter também o medo da solidão, da separação de quem se ama, o medo do desconhecido, o medo do julgamento pelos atos terrenos, o medo do que possa ocorrer aos dependentes, o medo da interrupção dos planos e fracasso em realizar os objetivos mais importantes da pessoa (KOVÁCS, 1992, p. 25).

Alguns medos são mais expressados que outros. O medo tem uma função de organizar e ajudar o ser humano a estruturar os objetivos que almeja para si. O medo, portanto, pode ser associado, contraditoriamente, à busca por nos aproximarmos da sensação de segurança vital, proporcionada pelas relações familiares e de afeto.

Ao contrário do que se possa pensar, o medo não tem apenas uma função no processo de individualização. Interpretado como segurança vital, o medo lança fora todo tipo de ausência e separação do outro, pois faz emergir no indivíduo a vontade de viver pelo máximo de tempo. Olhar para a morte é, nesse sentido, também olhar para a vida.

Os pressupostos aqui destacados colaboram para ressaltar a importância de se estudar a morte e suas sensações, visto ser um fenômeno que é inerente à condição humana, configurando-se, em algum momento, como preocupação do ser no mundo. Este estudo, especificamente, dedica-se a discutir as formas psicológicas dessas sensações, mediante a compreensão de que é na mente humana que elas ocorrem, registrando as experiências que marcam e contribuem para definir o que cada humano está sendo.

3. METODOLOGIA

A pesquisa utiliza-se da abordagem qualitativa. Os dados analisados provêm de registros que constam do “Diário de Anne Frank”. Assim como as fotografias e cartas, os diários também são materiais que podem ser alvo de análise, conforme indica Gil (2002).

Neste estudo, a obra analisada não se resume a uma história ou a fatos que marcaram a história mundial no século XX. É tomada como um conjunto de documentos relevantes para discutir as formas psicológicas das sensações experimentadas na iminência da morte por uma adolescente judia que, com sua família, foi perseguida pelo regime nazista de Adolf Hitler e feita vítima do Holocausto em um campo de concentração durante a II Guerra Mundial.

A análise dos relatos encontrados no diário da adolescente se dá pela técnica denominada por Gil (2002) como emparelhamento. Assim, os registros são contrapostos pelas teorias oferecidas por autores da psicologia que discutem as sensações da morte e do morrer, cujos postulados foram apresentados na seção anterior (KOVÁCS, 1992; JAFFE; ROHN; VON FRANZ, 1995; JUNG, 2013).

4. HISTÓRIA DE ANNE FRANK

Foi no auge da chamada Grande Depressão, período em que a Europa era marcada por pouca oferta de empregos e muita pobreza, que nasceu Anne Frank, em 12 de junho de 1929, em Frankfurt, Alemanha. Não tardou a sair dali com sua família – a mãe, Edith Frank; seu pai, Otto Frank; e sua irmã, Margot – , que, em decorrência das perseguições aos judeus movidas por sentimento antissemita que guiava o ditador nazista Adolf Hitler, mudou-se para a Holanda.

Na Holanda, frequentou a escola de seu bairro até os 10 anos. Foi quando, em 1939, Hitler invade a Polônia e tem início a II Guerra Mundial. Dias depois, a Holanda se rende, gerando insegurança e incertezas para os negócios e para o destino da família Frank. “Na primavera de 1942, o pai de Anne tinha começado a instalar um esconderijo no anexo secreto de sua empresa”, onde morariam até serem achados, em 4 de agosto de 1944.

Enquanto isso não ocorreu, a adolescente dedicou-se a escrever sobre o que vivia. Sua jornada de escritora foi iniciada quando viu o discurso em que Gerrit Bolckestein retratou o sofrimento do povo holandês frente à perseguição promovida pelo exército nazista. De tão impressionada, passou a se guiar pelo intuito de publicar um livro sobre sua vida naquele período, que, conforme seu desejo, traria a muita gente esperança e motivos para viver.

O projeto de Anne Frank começou quando ela estava com 13 anos. O diário revela suas experiências como menina e adolescente, filha e vítima de uma das maiores guerras proclamadas na História. Seus medos diante da morte são expressos não somente em palavras, mas, antes, em sonhos, os quais são registrados no diário.

O documento revela a motivação para seus registros, que abarcam o período de 12 de junho de 1942 a 1º de agosto de 1944: dar seguimento à vida, apesar do constante perigo e perseguição. Nele, vê-se uma adolescente assombrada por momentos de horror, permeados por notícias sobre o extermínio dos judeus durante a II Guerra Mundial. Tendo Anne a mesma origem, seria, assim como sua família, alvo da mesma perseguição comandada pelo fuhrer alemão. Foi então que,

Na manhã de 4 de agosto de 1944, entre dez e dez e meia, um carro parou na rua Prinserracht, 263. Dele saíram várias figuras: um sargento da SS [polícia da Alemanha nazista] Uniformizado, Karl Josef Silberbauer e, no mínimo, três membros holandeses de Segurança [...] Eles prenderam as oito pessoas que estavam escondidas no Anexo (FRANK, 1995, p. 347).

Uma das pessoas presas era Anne Frank, que, em resumo, teve o medo da morte como companhia de seu espírito durante a sua vida. Por conta da epidemia que assolou os campos de concentração em fevereiro de 1945, Anne e sua irmã morrem em Berg-Belsen, poucos meses antes de o conflito ser encerrado.

Graças a Miep e Bep Vokkuijl, após a família Frank ter sido deportada para o campo de concentração de Ber-Belsen, as páginas de seu diário foram achadas no prédio em que a família morou. Após a rendição da Alemanha

nazista, esses escritos foram devolvidos a seu pai, que sobreviveu ao campo de concentração (FRANK, 1995).

5. ANNE FRANK E A SIMBOLOGIA DA MORTE

As impressões obtidas na leitura do “Diário de Anne Frank” retratam os sofrimentos da adolescente e de seus familiares, um documento composto por relatos atravessados por sensações sobre a morte, conforme abordado na seção anterior. A morte foi, de fato, o suspense mais marcante de sua vida até que sua família caísse em mãos do regime nazista.

Anne identifica no sofrimento uma oportunidade para continuar existindo, mas, também, para aprender com a finitude. Fazer esses registros era fazer confissões sobre sua vida. A adolescente, pela própria condição existencial limitada pela guerra, tinha poucos amigos. Sua amiga imaginária era Kitty, a quem ela se refere em seus registros e que toma o lugar do próprio diário. Ao escrever-lhe, Anne menciona sentir melhoras em seu bem-estar, um alívio diante das angústias pelas quais passava. Kitty, desse modo, era considerada uma “companheira” frente à ansiedade vivenciada, com a qual a adolescente, em vez de guardar tudo para si, desabafava.

A análise do diário permite notar que Anne Frank concebia o mundo como um sistema de relações complexas e dinâmicas. No mundo objetivo, ela espelha a realidade simbólica de seu mundo psíquico, que, pelo prisma da psicologia analítica, é uma perspectiva ontológica, traduzindo uma cosmovisão imaginativa do mundo e de si mesma.

O ser humano possui características herdadas e também aquelas que são inatas. Assim, o comportamento social de Anne Frank tem traços arquetípicos de si mesma. Tinha, em si, sentimentos contraditórios, como a sensação de medo e, ao mesmo tempo, a consciência da morte iminente. Essa contrariedade trouxe atribulações para sua vida.

As restrições aos judeus na Holanda, onde a família Frank passou a residir, aumentavam frente à imposição da lei nazista nos territórios ocupados pelo exército de Hitler. O desenvolvimento fisiológico de Anne, como adolescente de

13 anos, sofre os atropelos de um contexto histórico que produziu um estado emocional marcado pela ansiedade e inseguranças frente ao futuro, pelas sensações de amargura e de medo do que estava por vir, pela saudade quando pensava em sua avó que havia morrido.

Nesse cenário existencial, Anne Frank passava pela individuação, “[...] processo gradual e constante de integração de aspectos do inconsciente à consciência e do mundo na consciência, visando à integração na comunidade humana e em si-mesmo [...]” (PENNA, 2005, p. 82). A individuação gera crescente conhecimento e autoconhecimento do ser humano e refina a personalidade da adolescente a partir das vivências por ela experimentadas, como se pode ver no registro a seguir, feito em um sábado, 15 de julho de 1944:

Tenho em meu caráter um traço predominante que salta aos olhos de quem me conhece há algum tempo: é o conhecimento que tenho de mim mesma. Consigo fiscalizar-me e aos meus atos como se fosse uma estranha. Sou capaz de encarar a Anne de todos os dias sem preconceitos e sem fazer concessões, observando o que nela há de bom e de mau (FRANK, 1995, p. 175).

O relato de Anne Frank mostra que as experiências que vivenciamos podem amadurecer as relações conosco mesmos, pois o processo de individuação, ao mesmo tempo que é interno, subjetivo e de integração, traz consigo uma vivência indispensável com o mundo, de caráter externo e objetivo.

A individuação pode ser observada em outra situação, típica da adolescência: preterida por Peter – também porque a perseguição a que ela e sua família não colaborava muito para que ela se envolvesse em alguma relação amorosa –, Anne confidencia ao diário que Peter saía com todas as outras garotas para não mostrar seus sentimentos por ela.

Em 8 de julho de 1942, ao saber que seu pai havia recebido uma carta de notificação do serviço secreto do regime nazista, Anne teve a sensação de espanto: foi acometida por visões de campos de concentração e celas solitárias. Essas memórias faziam parte do seu arquétipo coletivo, que também

incitava as memórias de sofrimentos de seus antepassados judeus que sofriam a shoah.

A finitude da vida aguçava a curiosa Anne Frank em cenas cotidianas. Por exemplo, ela demonstrou estranheza frente a discussões e brigas em que se envolviam os adultos, que, em sua visão ocorriam “[...] facilmente e com tanta frequência sobre coisas mesquinhas” (FRANK, 2018, p. 53).

Por outro lado, no registro de 1º de outubro de 1942, contou ter ouvido alguém batendo à porta, ao que o medo adquiriu forma humana, com sensações à flor da pele, pois, segundo seu relato, “[...] só pude pensar que alguém estava vindo nos pegar” (Frank, 1995 p. 35). Kovács (1992, p. 3) analisa que, para a criança, definir a morte é uma tarefa muito difícil, pois, na infância, a percepção é de que “a morte é não-movimento, cessão de algumas funções vitais como alimentação, respiração; mas na sua percepção a morte é reversível [...]”.

Para Jaffe, Rohn e von Franz (1995, p. 11), esse é um instinto básico para aqueles que valorizam a vida, mas que sabem que nela se faz presente a morte, pois compreendem que “só permanece vivo quem estiver disposto a morrer com a vida”. No caso da adolescente, talvez a vontade de viver fosse maior, pois tinha as imagens da guerra e as consequências que ela causava a si, a sua família e a tantos outros.

A vontade de viver é “[...] um Daimon incandescente que, por vezes, converte a conscientização [...] da mortalidade em algo infernalmente difícil” (JAFFE; ROHN; VON FRANZ, 1995, p. 23). A vida se concentra no desejo de trazer uma sensação permanente de união com o mundo. Anne Frank percebeu a vida em razão do medo, vendo-se próxima do momento em que ela e sua família seriam levadas pelo exército nazista para o campo de concentração.

A análise de seu diário mostra que a confidente que nele escreve se encontra em uma fase em que a morte está relacionada aos movimentos e situações da vida, que revisam e contradizem sua personalidade. Reconhece Anne: “eu mudei de um jeito radical, tudo em mim é diferente: minhas opiniões, minhas ideias, a visão crítica. Por dentro, por fora, nada é igual” (FRANK, 1995, p. 247). Refletindo sobre a maneira como lida com as circunstâncias

desfavorecidas que podem culminar na morte, no passar dos dias em meio a isso, e vivendo em ambiente no qual havia mais adultos, com poucas crianças, ela começa a compreender seus medos, aproximando-se das sensações da morte, mas também da vida.

Seus registros também contêm sensações de felicidade, por exemplo, ao aventar que Peter poderia amá-la, conforme já destacado. Assim, os dois teriam um mistério a compartilhar. Lembranças dessa natureza ajudam os adultos a evitar o medo, o lado sombrio da vida e, ao que parece, fizeram isso também a Anne. Nesses momentos, é como se ela fizesse um balanço da existência, uma tarefa mais frequentemente vivenciada na vida adulta.

Para Anne, a experimentação em relação à morte se deu de forma antecipada. Reflexões dessa natureza promovem, mesmo nos adultos, uma transformação interior; a morte não mais se configura como algo que acontece nos outros, mas como algo que pode acontecer conosco também. A partir disso, ocorre uma resignificação de valores, com o entendimento de que se distanciar da morte é uma tentativa inútil.

Além das crises pertinentes à vida e à vontade de viver, não é comum darmos à morte um caráter transcendente pela separação definitiva do corpo, segundo Kovács (1992). Além disso, a autora pontua sobre a falta de transparência dos adultos ao abordar a morte, o que pode ser a base de neuroses na infância. Também nesse quesito, a vivência de Anne Frank foi distinta por estar em meio a um contexto de morte.

Todavia, não significa que as notícias de que amigos e conhecidos estavam sendo levados aos campos de concentração não a perturbassem em função do processo de desidentificação. Sobre esse processo, Kovács (1992, p. 49) explica que,

Quando a criança não consegue se desidentificar, e quando ocorre sentimento de culpa por se sentir responsável pela morte do outro, como resultados de seu impulso destrutivo, pode surgir a necessidade de se reunir com a pessoa perdida, como forma de reparar os seus erros ou como necessidade de punição.

Por isso, Anne se sentia atribulada, limitada e angustiada pela situação que seus entes queridos sofriam, afirmando que “[...] esses horrores são muito angustiantes” (FRANK, 1995, p. 64). O lugar escuro do sótão existencial é uma expressão simbólica e comunica o perigo que corre a vida, uma vida em que, ao mesmo tempo, Anne se mostra acompanhada por seus sentimentos frente aos horrores da guerra, mas também sozinha com eles.

Durante a infância e a adolescência, é comum demonstrarmos ansiedade quanto à concretização ou não dos nossos planos. Anne inicia seu diário planejando ser escritora, vislumbrando uma vida após o fim do conflito, tempo que sua existência não alcançou. Nas condições em que se encontrava, havia, portanto, um movimento de fazer a “curva psicológica da vida”, a que se refere Jung (2013).

Mas seu diário mostra que sua ansiedade se dá por motivos mais urgentes. Ali, o leitor se depara com frases como: “ficamos brancos de medo” (FRANK, 1995, p. 67), “perdi o apetite no momento em que ouvi a sirene” (p. 125). Suas reações mostram-se como sinais ou alertas, instinto natural de preservação da vida, frente à preocupação sobre se iria morrer ou viver. Verídicas, as bombas e máquinas bélicas eram um símbolo da morte que a atormentava acordada ou dormindo, em sonhos.

Todavia, na análise que faz da psicologia junguiana, Kovács (1992, p. 54) lembra que “a adolescência é um período em que o sujeito está com toda a libido voltada para a construção do mundo e, portanto, há pouco lugar para pensar na morte”. O estudo psicológico da narrativa de Anne Frank mostra que o medo tem uma função e produz mudança de personalidade frente a circunstâncias catastróficas, nas quais os indivíduos têm a necessidade de proteção para as perturbações e desconfortos que experimentam.

6. CONCLUSÃO

Não só a psicanálise, mas a psicologia analítica circunspecciona características humanas na literatura, estendendo a dimensão humana para além da sua condição materialista. Foi necessário, para isso, considerar a psicologia um ramo disciplinar capaz de dar à literatura humana uma ontologia do ser,

necessária para a existência de um comportamento que emerge de sua dimensão simbólica.

Em suma, Anne Frank foi uma adolescente que passou por um processo de individuação logo após o começo da II Guerra Mundial. Judia e praticante de sua religião, era perseguida com sua família por sua história e por etnia. Nesse contexto, há em Anne Frank um protótipo de uma adolescência marcada por sofrimento e dor.

Em uma fase de tantas mudanças nas dimensões bio, psíquica e social, Anne é marcada pelo encontro constante com a finitude, começando a perceber as sensações paradoxais de estar entre a vida e a morte. Enquanto a vida traz uma sensação de harmonia e prazer com o mundo, a morte vem de encontro a isso, revelando-se próxima em função do caos que marca a realidade vivenciada pela adolescente.

É relevante destacar que os instintos naturais de sobrevivência se sobressaem nas aproximações que o ser humano tem com situações extremas, como a morte. A história de Anne Frank sublinha que o sofrimento também é uma oportunidade de continuar existindo em situações extremamente hostis.

As situações psíquicas e mentais de um indivíduo mostram que a morte, antes de ser concretizada por um processo de natureza biológica, é uma representação imagética de sofrimento e dor encontrados nos arquétipos. Quando experimentamos essa sensação, podemos ser afetados pela vontade de resignificar a vida e nossos valores, do nosso grupo e, de forma mais ampla, até de uma sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. São Paulo: Unesp, 2014.
FINGUERMAN, Ariel. **Teologia do Holocausto**. São Paulo: Paulus, 2012.
FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
FRANKL, Victor. **Em busca de sentido**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1991.
JAFFÉ, Aniela; ROHN, Liliane Frey; FRANZ, Marie-Louise von. **A morte à luz da psicologia**. São Paulo: Cultrix. 1995.
GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2002.
JUNG, Carl Gustav. **Natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2013.
KOVÁCS, Maria Julia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PENNA, Eloisa M. D. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 71-94, 2005 . Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SILVEIRA, Nise da. **Vida e obra**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

QUEM FOI ANNE FRANK? Disponível em: <<https://www.annefrank.org/en/anne-frank/the-short-life-anne-frank/>>. Acesso em: 11 mar. 2019.